

Os artistas opinam:

Vera Artaxo

CLAUDIO TOZZI — É fundamental transformamos a Bienal num acontecimento realmente importante e significativo, como mostra da produção artística nos seus diversos setores. Para isso, é necessário uma mudança em sua estrutura. E preciso que ela seja um órgão atuante durante doze meses por ano, documentação, pesquisando e participando mais diretamente da produção da obra de arte.

Também é importante que a exposição não se limite ao espaço físico do prédio da Bienal: vários espaços da cidade poderiam ser ocupados por obras e manifestações de arte. É fundamental que se utilizem os meios de comunicação de massa para que sua divulgação seja mais ampla. Assim, a mostra deveria ser transformada em livros, cinema, vídeo-tape, para serem levados a uma camada mais ampla da população.

LOURDES CEDRAN — Dentro da atual estrutura que a rege, a Bienal é um evento completamente superado. Essa que está se realizando *achei confusa, e cito como exemplo o fato de colocarem nossos artistas primitivos, como G. T. O. e Antônio Pereira, dentro da Arte Incomum, o que representa, em termos didáticos, uma informação errônea. São excelentes os trabalhos das representantes da Arte Incomum, mas confundidos com artistas primitivos é um erro gritante!* Faço, porém, uma ressalva à bellissima sala dedicada a Paul Delvaux.

A Bienal deveria ser transformada numa instituição de pesquisa e experimentação artística permanente, com funcionamento contínuo. Dessa forma, a cada três anos se realizaria uma Trienal em que se apresentariam as manifestações internacionais, bem como o produto das experiências ali realizadas nesse período.

NORBERTO NICOLA — A Bienal está ali e de seus frutos.



Leda Paulo Baravelli

Considero uma vitória esta nova safra por estar entre nós, e evidente que a 1.ª Bienal de São Paulo é uma versão transitoria do patrimônio cultural brasileiro que sempre foi. Contudo, percebo ali a possibilidade de uma realização mais abrangente e condizente com a realidade contemporânea da arte. Isso porque, pela primeira vez, vejo um pensamento crítico orientando a exposição, com a eliminação da divisão geográfica e a organização por analogias de linguagens. Os equívocos, é claro, ainda existem no resultado final: a Bienal não possui organização. Temos algumas salas antológicas totalmente deslocadas, e a exposição de arte postal, nestes moldes, anula a sua própria natureza.

A sala da Arte Incomum, para mim, foi o maior erro. Não só pela qualidade das obras que vi, mas porque senti que é na alienação daqueles artistas que os "outros" artistas devem pensar. Talvez os meios de comunicação, os interesses de várias naturezas, as promoções de cada país, os artistas que querem uma promoção rápida, os interesses das vanguardas, as manifestações que querem se tornar cada vez mais importantes através da agitação em torno delas, talvez todo esse contexto seja responsável pela transformação das representações da Bienal. Já não é mais o artista fazendo sua carreira e sua consagração dentro do seu local de trabalho, como deve ser, mas uma outra coisa.

A conclusão a que cheguei visitando a sala de Arte Incomum é que o artista deve pensar que a comunhão do seu eu com sua obra é o que deve reger a produção artística, e cabe à Bienal localizar e voltar seus olhos para essas manifestações, e não mais para correntes plásticas, escolas de arte, onde o processo é invertido: não são artistas que formam uma corrente, mas correntes que pretendem formar artistas. Devemos voltar os olhos para o particular, o individual, que fazem parte da geral, não as generalizações. O artista vive no mundo. Entretanto, ele tem dentro de si todo um mundo particular e complexo. A obra é que vai estabelecer o elo entre esses dois pólos.

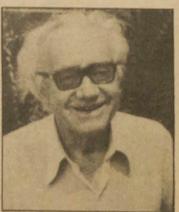


Lourdes Cedran

GISELDA LEIRNER — É evidente que a 1.ª Bienal de São Paulo é uma versão transitoria do patrimônio cultural brasileiro que sempre foi. Contudo, percebo ali a possibilidade de uma realização mais abrangente e condizente com a realidade contemporânea da arte. Isso porque, pela primeira vez, vejo um pensamento crítico orientando a exposição, com a eliminação da divisão geográfica e a organização por analogias de linguagens. Os equívocos, é claro, ainda existem no resultado final: a Bienal não possui organização. Temos algumas salas antológicas totalmente deslocadas, e a exposição de arte postal, nestes moldes, anula a sua própria natureza.

LOTHAR CHAROUX — Continuo a dizer, como sempre, que sou a favor da existência da Bienal, apesar dos pesares. O seu fechamento seria prejudicial à arte. Esta Bienal está um pouco mais fraca do que as outras, um pouco sossegada, com pouca coisa sensacional, que é o que todo mundo espera das Bienais; mas ainda assim há coisas válidas. Sobre o problema do gosto de verbas, muitas vezes motivo de crítica, é bom lembrar que há outras coisas em que também se gasta muito dinheiro. O orçamento da Bienal é válido, tudo o que se faz para impulsionar a arte é válido. Já houve Bienais muito boas e acho que haverá outras melhores do que esta.

MIRA SCHENDEL — É claro que uma exposição tão grande de dois em dois anos, numa cidade como São Paulo, em que uma parte pequena da população tem acesso às galerias de arte, faz muito sentido. O nosso modo de enxergar é que mudou. A Bienal hoje está ligada a um contexto extremamente árido, num momento de crise mundial, com inúmeros problemas sociais e econômicos. Como uma amostragem do que se faz no mundo, ela evidencia essa situação e é um bom sinal de tomada de consciência. Não podemos estar sempre no



Lothar Charoux

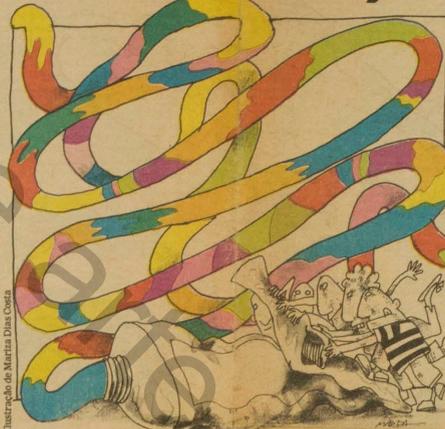
consumismo, à procura do novo, do novo sempre. Essa é uma Bienal percorrida, bem montada e modesta. E um convite à reflexão, colocando muitas perguntas enquanto manifestação e produzindo inquietação frente ao imobilismo. Justamente por dar uma sensação de "dejá vu" e não responder à exigência do novo, ajuda a gente a cair em si talvez seja o certo neste momento, um pouco de contenção, de modestia e de sobriedade.

Essa Bienal nos traz a chance de percebermos nossa necessidade de estímulos muito fortes, de um progresso contínuo, e nos faz pensar: será que já não temos sensibilidade para perceber o que é simples, o que é modesto? Será que não esperamos sempre demais? Será que nossa atitude voraz em busca de novidades não é exagerada? Será que a decepção de alguns não surge de uma contínua esperança lusória?

RENINA KATZ — Nos primeiros anos, a Bienal teve maior importância, não só pela qualidade artística, mas pela função didática que a vinda as obras de grandes artistas proporcionava aos que não podiam viajar. Na verdade, as Bienais no mundo todo tinham essa função, perdida com o passar dos anos. Perderam até o interesse artístico. Essa não chega a corresponder às expectativas de uma grande exposição internacional, o que vem ocorrendo há alguns anos.

Mas acho que a Bienal ainda tem um papel. Alguns acham que ela deve ser reformulada, mas não aparecem ideias milagrosas. A crise é mais profunda e levanta questões: será que a Bienal, como forma de exposição, ainda vale? Se vale, por que não desperta o mesmo interesse? Alguns falam em acabar com ela, mas o que vão colocar no seu lugar? Se houver um meio de transformação, sim, porque agora não podemos nos dar ao luxo de radicalismos. De qualquer modo, a Bienal deixou de ser uma exposição estimulante há muitos anos.

Gerda Brentani



Inauguração da 1.ª Bienal, em Veneza, achei o fenômeno alucinante.

achei a Bienal boa, e acho que ela vale a pena somente pelo terceiro andar, pela Arte Incomum, e no primeiro andar só a presença de Delvaux seria suficiente. Criticam muito à Bienal, mas ela em si não é ruim, eventualmente as direções é que são ruins. Melhoraram os homens, e esta Bienal já melhorou em relação às duas ou três últimas. Não há por que falar em fechar uma coisa que existe, que tem prestígio internacional e que pode ser melhorada por nós.

Esta que se realiza não está organizada à altura de uma Bienal, da qual o mundo inteiro deveria participar. Falam em duzentos artistas e mil obras na propaganda: só que isso é pouquíssimo. Uma Bienal começa a ser interessante a partir de três mil obras. Mas se houver interesse suficiente para não deixá-la morrer, ela pode renascer, melhorar.

GERDA BRENTANI — Desde a



Gerda Brentani

maior organizada. Sabe, a fachada do Sul são superinteressantes. Para mim a Bienal não é o tamanho, mas a qualidade, e é necessário que ela sobreviva. E o que pode cumprir uma função apresentando obras realizadas, e não pesquisas, que nunca se sabe onde chegarão, e se chegarão a algum lugar.

Ela poderia ser simplificada, não precisa ser monumental. Cinco grandes artistas já seriam suficientes para justificar uma Bienal. Há uma tendência de só se considerar o novo, mas acho que uma obra sincera, autêntica, sempre vale. Arte é abstração, espontaneidade. Não gosto de teorizar muito. A Arte Incomum confunde um pouco o público, não muito bem-informado, e por isso acho que não deveria estar lá. No entanto, vale a pena tentar salvar a Bienal, melhorando, trazendo gente de valor.

VLASIOS VLAVIANOS — Vamos começar a analisar por ordem. A parte dos artistas convidados foi muito bem montada, embora haja etiquetas trocadas tanto quanto à origem do artista, como quanto à técnica utilizada. A parte da arte postal... lá eu fiquei perdido, porque ela deve ser manuseada e aquelas coisas pequenas na parede tornam-se cansativas. Na terceira parte, temos a arte que foi apresentada na Europa como arte alternativa, depois como arte marginal, e batizada aqui com o nome de Arte Incomum.

Essa exposição é uma visão muito européia da arte incomum. Além de obras como o Tiger-Balm Garden de Hong Kong. Falta Simon Rodia, falta James Hampton. Esqueceram gente como Clarence Smith e o padre Matthias Werner. Nessa parte, eles erraram trazendo uma coisa pronta há vinte anos atrás e ignorando as pesquisas desenvolvidas pela Universidade de Cornell e pelo Whitney Museum of American Arts. Apresentam uma visão muito elitista e esquecem o lado popular dessa arte, muito desenvolvido principalmente nos Estados Unidos.

Odetto Guerstoni



Claudio Tozzi



Renina Katz



Vlavianos

maior organizada. Sabe, a fachada do Sul são superinteressantes. Para mim a Bienal não é o tamanho, mas a qualidade, e é necessário que ela sobreviva. E o que pode cumprir uma função apresentando obras realizadas, e não pesquisas, que nunca se sabe onde chegarão, e se chegarão a algum lugar.

Ela poderia ser simplificada, não precisa ser monumental. Cinco grandes artistas já seriam suficientes para justificar uma Bienal. Há uma tendência de só se considerar o novo, mas acho que uma obra sincera, autêntica, sempre vale. Arte é abstração, espontaneidade. Não gosto de teorizar muito. A Arte Incomum confunde um pouco o público, não muito bem-informado, e por isso acho que não deveria estar lá. No entanto, vale a pena tentar salvar a Bienal, melhorando, trazendo gente de valor.

LUIS PAULO BARAVELLI — Acho que existem dois tipos de arte: a capitalista e a burocrática. É a terceira, que realmente é uma não-opção que é a arte marginal. A arte capitalista é produzida por iniciativa particular, tem alternativas de venda e é vendável; seu processo de seleção natural é o mercado. A arte burocrática só existe durante um evento patrocinado por uma instituição, é financiada por entidades, em geral paragonamentais, e é declaradamente invendável; seu processo de seleção "natural" é o apadrinhamento e o chantage intelectual.

A arte capitalista é ruim, a burocrática é pior. A vitalidade da Bienal existiu enquanto foi uma feira de amostras da arte capitalista. Havia prêmios e interesse do País em ganhar estes prêmios; era uma confirmação da hegemonia cultural e política. Quando a Bienal eliminou os prêmios, e agora os países, ela se tornou tão



Marina Delvaux



Odetto Guerstoni



Gerda Brentani

todo mundo, é comum a todo ser humano. Uma das funções que a Bienal deveria ter é a de estimular processos mentais, emocionais, e promover a participação coletiva na vida cultural, promover a manifestação cultural livre. Mas está a um péssimo reflexo do que tem sido as Bienais tradicionais. Como o brasileiro não viaja, não tem acesso à arte, a Bienal seria uma oportunidade importante para seu desenvolvimento cultural.

Muitas coisas poderiam ser feitas para melhorar a Bienal. Por exemplo, podíamos aproveitar o enorme vínculo que temos com os negros, maioria de nossa população. Por que não uma Bienal Negra? Por que ficarmos em quilômetros de arte postal exposta naquela situação, numa ideia infeliz? Por que fazer vídeo-arte no Brasil, essa coisa de elite com a qual temos tão pouco a ver? Numa Bienal Negra, extrairíamos em contato, política e culturalmente, com todas as nações africanas; seria uma coisa próxima da coletividade, seria popular.

Precisamos ter mais ousadia para que consigamos assumir nosso destino. Nós somos um povo que está procurando sua expressão artística, temos uma coisa nossa que está em formação, daí a possibilidade de desenvolvermos nossa identidade. Uma Bienal Negra viria a dar um lastrado cultural para uma grande parcela da população, uma quantidade de informação para esse povo faminto de coisas novas. Se ficarmos nessa rotina da arte do inglês, da arte do francês, nunca saberemos quem somos, e os "brasilianistas" estão ali.

A Bienal Latino-Americana seria outra tentativa nesse sentido. Tinhamos que ser mais criativos para organizar Bienais. Tenho viajado pela América Latina, expus várias vezes no México, e vi lá um profundo valor que é dado às coisas culturais. O povo mexicano conhece seus artistas e isso eleva o moral, torna a vida do cidadão mais digna. O Estado promove isso e os ideais não ficam tão distantes do povo, como aqui. As artes visuais se incorporam na vida cultural do país, ao contrário do que ocorre no Brasil.

Não quero que a Bienal acabe. Ao contrário, quero que se torne um órgão atuante durante o ano inteiro, que se amplie, e que faça suas exposições periódicas. Mas sem esse vício de Europa e Estados Unidos. O mundo inteiro está ali para ser mostrado e o povo quer ver. E preciso desintelectualizar a Bienal e utilizar suas manifestações para a produção de sua identidade.



Marina Delvaux